

“NÓS ÉRAMOS TIDAS COMO MULHERES RADICAIS”: O MOVIMENTO DAS MULHERES EM PARINTINS (1980-1990).¹

Ianna Paula Batista Gonçalves²

Arcângelo da Silva Ferreira³

Patrícia Regina de Lima Silva⁴

Resumo: Esta pesquisa busca (re)construir o Movimento das Mulheres em Parintins nas décadas de 1980-1990, para a afirmativa da visibilidade e inserção das mulheres no campo social e político do município de Parintins, norteando a investigação com as perguntas: onde estiveram as mulheres nos acontecimentos históricos? Qual sua participação junto a sociedade nos movimentos de luta, e resistência de seu tempo? como elas eram persuadidas a sair à luta? Quais eram suas *táticas*? Para responder a essas questões, apresentaremos a trajetória de três protagonistas femininas, que lideraram o Movimento das Mulheres, tendo em vista, a participação da Igreja Católica, supramencionado como Paróquia de Lourdes, e a inclusão no Partido dos Trabalhadores, para que os primeiros ensaios do Movimento fossem previstos. Posteriormente o referido Movimento viria ser registrado em cartório como Associação das Mulheres de Parintins, legitimando-se na luta por direitos sociais e políticos, relacionados às ações de igualdade e equidade, respeito e valorização da mulher enquanto ser humano. Para tanto, utilizaremos com método de pesquisa a *História Oral*. Nesse sentido, lançamos mão, obviamente, de fontes narrativas verificando como tais indícios representam os processos de articulação do Movimento das Mulheres no campo do poder. Por outras palavras, averiguamos como as mulheres envolvidas na luta tornam-se, historicamente, protagonistas. Como, por meio de *táticas*, estabelecem caminhos nos quais podemos visualizar o engajamento das mulheres no meio social, em Parintins. Finalmente, ressalto a importância do Movimento social no contexto da redemocratização do Brasil, para a o fortalecimento das novas lideranças femininas existente nos dias atuais, relativos ao que se convencionou de “Novos Movimentos Sociais”.

Palavras-chave: Movimento das Mulheres, Oralidade, protagonismo feminino, Parintins.

¹Trabalho de conclusão de curso em História pela Universidade do Estado do Amazonas.

²Acadêmica do 8º período do Curso de História da Universidade do Estado do Amazonas. batistayanna381@gmail.com.

³Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, professor auxiliar da Universidade do Estado do Amazonas - CESP (Centro de Estudos Superiores de Parintins) asf196@outlook.com.

⁴ Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas, professora da SEDUC-AM.

INTRODUÇÃO

*Eu sou aquela mulher
A quem o tempo
Muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavra e pensamentos negativos.
Acredita nos valores humanos.
Ser otimista.
[...]
Apreendi que mais vale lutar
Do que reconhecer dinheiro fácil
Antes acreditar do que duvidar*

Cora Coralina 2011

As mulheres estiveram sujeitas à invisibilidade das escritas históricas do homem, decorrente dessa ausência na historiografia, sua presença é negada e reprimida como mulheres sem história, e como agentes não sociais. Porém, podemos dizer que as mulheres efetivamente fizeram e fazem parte de uma história, uma história silenciada pelo tempo e pela historiografia pautada nos grandes homens e nos grandes feitos.

Pensamos que essa pesquisa possa vir a ser relevante para o campo da história dos movimentos sociais relacionados à História regional. Nessa perspectiva, buscamos historiar a trajetória do Movimento das Mulheres em Parintins, cidade que vivera a euforia de um momento marcado pela redemocratização do país, um tempo de esperança, liberdade, e resistência na Amazônia. As memórias aqui apontadas são de mulheres que estiveram à frente do Movimento, movidas pelo desejo de igualar as questões sociais vigentes na época, as quais eram postas somente para o lado masculino.

Dessa forma, as mulheres descritas nessa pesquisa, serão referenciadas mediante suas narrativas e experiências compartilhadas, tanto de âmbito individual sobretudo coletivo. A partir de suas particularidades é possível perceber a dimensão social que as aproxima. Nesse ínterim, a construção dessa temática é permeada pelas memórias de três mulheres, a saber: Fátima Guedes, Maria da Fé e Graça Guedes. Aqui apontadas como sujeitos sociais dessa pesquisa. Os depoimentos coletados enfatizam a marca de memória coletiva, vivenciados por estas mulheres, que em diferentes papéis agiram como

protagonistas do seu tempo e sua história. O olhar de cada uma delas, nos mostra vários caminhos para compreender uma História das Mulheres e do movimento social, liderados por elas em Parintins, nos anos mencionados, pois cada uma traz consigo inquietudes, resistências e esperanças.

Através dessa investigação o Movimento das Mulheres na cidade de Parintins nos anos de 1980 a 1990 contribui, de certa forma, para a História das Mulheres na Amazônia e para as relações de gênero presente do discurso feminista. Este, por sinal, é o fator de muitas discussões sobre o *empoderamento*⁵ do sujeito mulher na história. Uma vez que, na Amazônia a conduta feminina diferencia-se das demais de outras regiões, segundo a socióloga Heloisa Lara Campos da Costa no livro *As mulheres e o Poder na Amazônia*, em que, de acordo com sua perspectiva, o comportamento da mulher amazônica é diferenciado, essas diferenças estão expressas em relação ao segmento social em que cada uma está inserida, sendo esse mais pobre, ou não (COSTA, 2005).

Neste sentido, essas mulheres, inscritas nos seus movimentos de luta, aqui escolhidas como objeto de interesse, tem em si certa autonomia política e social, ponto importante para seu modo de vida ativo na sociedade, esse que será estudado e analisado. Tais mulheres estão interligadas pelo sentimento de militância e ações sociais, pois cada uma expressa seu empoderamento diante das mudanças políticas vigentes na sociedade.

O objetivo desta pesquisa foi motivado pelo sentimento de *personificação feminista*⁶, a inquietude diante de uma história silenciada e exonerada do campo historiográfico. A cada memória mencionado dessa pesquisa, traz no seu bojo uma história de luta, sentimento e resistência.

A análise das ações das mulheres que começaram a ser discutidas efetivamente a partir dos anos de 1970 e que se estendeu para as décadas seguintes no Brasil, temos por exemplo, nos anos de 1980, o que ocorreu em São Paulo, com a formação dos clubes de mães. Segundo Eder Sader (1988) foram associações de mulheres que ensinavam e capacitavam outras mulheres da periferia a bordar, costurar e fazer outros trabalhos manuais, com o objetivo de se ter outra fonte de renda, baseada no artesanato. Atitudes como estas foram surgindo a partir das bases da Igreja Católica que orientava e

⁵ A palavra aqui menciona, conota o sentido de conscientização para uma pessoa, ou um grupo social, na tentativa de realizar mudanças de ordem social, política e econômica.

⁶ Segundo, Anita E. Woolfolk & Maria Cristina Monteiro (2000) Atribuída por Erik Erikson em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, a qual numa das fases do desenvolvimento social, conhecida como Motora – onde a pessoa faz suas escolhas profissionais e pessoais, assim conota aqui a minha justificativa pessoal sobre o interesse de pesquisar sobre o feminismo em Parintins por meio do Movimento das Mulheres, logo depois Associação das Mulheres de Parintins.

coordenava a evangelização entre a população mais pobre, dando subsídios para que houvesse emancipação entre as pessoas, no discurso de libertação e estímulo as práticas sociais coletivas.

Essas ações empreendidas por aquelas mulheres em São Paulo, refletiram-se também na Amazônia, e conseqüentemente em Parintins. As mulheres Parintinenses puderam colocar a frente da barreira “dona de casa”, suas reivindicações e alarmam na sociedade seu empoderamento feminino criando um Movimento das Mulheres, posteriormente tornou-se uma Associação⁷ para viabilizar acesso de pessoas na luta, reivindicar políticas públicas e garantir direitos conquistados, além de expor suas insatisfações contra os problemas que a cidade enfrentava na época, os quais se estendem até hoje.

Um movimento que, também, sai das pastorais da Igreja Católica⁸, influenciado pelo pensamento libertário e ideológico da Teologia da Libertação, juntamente com o Partido dos Trabalhadores (PT) que estava em formação no país, o Movimento das Mulheres, atualmente, embora não exerça a mesma força de influência dos anos de 1980, ainda consegue influenciar outros movimentos com a mesma característica que surgem no corpo social de Parintins.

Falar sobre mulheres no contexto social da vida pública nos indaga às seguintes questões: onde estiveram as mulheres nos acontecimentos históricos? Qual sua participação junto à sociedade nos movimentos de luta, e resistência de seu tempo? como elas eram persuadidas a sair à luta? Essas perguntas moveram esta pesquisa no intuito de (re)construir uma história do Movimento das Mulheres em Parintins nos anos de 1980 à 1990.

O MOVIMENTO FEMINISTA

A grande reviravolta da história nas últimas décadas do século XX foram com os estudos sobre os grupos sociais que estiveram desde então excluídos da historiografia, a

⁷ Considerando a trajetória histórica percebemos que são as articulações das mulheres enquanto movimento que culminam na criação da Associação das Mulheres em Parintins, no ano de 1990.

⁸ Pastoral da Igreja Católica é um segmento de ação social pelo qual a Igreja realiza um conjunto de atividades sociais dentro de uma comunidade. Disponível em: http://googleweblight.com/?lite_url=http://guaxupe.org.br/definição-de-pastoral&ei=FJ79jjB2&lc=pt-BR&s1&m=65&host=www.google.com.br&ts=15121559971&sig=ANTY_L1mk9LJPpHap10GsG7eqjBhHP8mw. Acesso em 22 de Novembro de 2017.

história cultural preocupada com a história coletiva, com sua diversa amplitude tais como: os camponeses, escravos, as pessoas comuns, e em especial as mulheres, na sua mais ampla diversidade social, seja ela pela sua crença, etnia, raça, por isso chamada Histórias das Mulheres, desta forma, as mulheres conquistam sua espaço na sociedade como sujeitos da história.

Os estudos sobre as mulheres foram resistentes a partir das correntes filosóficas que permeava no século XIX, o positivismo recuou-se diante dessa temática, pois seu interesse pela vida pública e pelo domínio público privilegiavam as fontes administrativas, diplomáticas e militares, nessas as quais a figura feminina é pouco vista.

Para esse estudo, adotamos a postura de Raquel Soihet, no que diz respeito a história das mulheres, para essa autora, existe uma emergência para os estudos sobre a história das mulheres, por isso, trazem para a historiografia discussões sobre como a categoria *mulher* foi posta na história. Problematizando a invisibilidade feminina, a ausência nos escritos históricos. Portanto, estava em questão a necessidade de uma história social cuja a figura feminina precisava de elucidação: como objeto e sujeito da sua história.

Na história francesa, segundo diz Soihet “embora as mulheres não fossem logo incorporadas à historiografia pelos Annales, estes, porém, contribuem para que isto se concretize num futuro próximo” (1997, p. 276). Com esse novo campo da história cultural, a temática feminina teve apoio de outras disciplinas: a literatura, a linguística, a psicanálise, e a antropologia. Interdisciplinaridade a qual contribui, sobremaneira, para os estudos das mulheres na sua diversidade.

O movimento feminista nos anos de 1960 foi um divisor de águas para o surgimento da história das mulheres. Nessa perspectiva, nos Estados Unidos um grupo de mulheres foram às ruas reivindicar direitos. Esse movimento provocou uma inquietação nos estudantes sobre as questões preferidas por elas. “Ao mesmo tempo, docentes mobilizaram-se, propondo a instauração de cursos nas universidades dedicados ao estudo das mulheres” (SOIHET, 1997, p. 276). Segundo essa mesma autora, no seu artigo *História das Mulheres*, nas universidades francesas, nos anos de 1973, foram criados cursos, colóquios para serem discutidas as questões feministas, a partir dessas discussões foi criado um boletim de expressão *Penélope. Cahiers pour i'histoire des femmes*⁹. Desta

⁹ Penélope. Caderno para histórias femininas – Tradução livre de nossa autoria.

forma, multiplicaram-se, e em diversas partes do mundo surgiram estudos sobre a história das mulheres.

“A emergência da história das mulheres como campo de estudo não só acompanhou as feministas para a melhoria das condições profissionais, como envolveu a expansão dos limites da história” (SOIHET, 1997, p. 277). Neste sentido, Joan Scott, citada por Soihet revela a importância das contribuições do movimento feministas com a história das mulheres. Em seu artigo *Gênero: uma categoria útil para análise história*, Scott, nos eludida com seu estudo sobre gênero, para que possamos perceber sobre os aspectos dos acontecimentos sociais e suas implicações, especialmente as que fazem referência às hierarquias. Para a historiadora Joan Scott existe uma divisão dentro dessa classe feminina, e essa classe está ligada ao mesmo tempo com a desigualdade sociais.

Em questão, segundo Soihet (1997) os historiadores sociais viam as mulheres como uma categoria homogênea, eram pessoas biologicamente femininas, que se moviam em contextos diferentes, isso fortaleceu o discurso de identidade coletiva, fortalecendo o movimento de mulheres na década de 70 do século XX. Com isso, a questão masculina e feminina, homem *versus* mulher foi autenticada, favorecendo a mobilização política dessas mulheres.

As tensões começaram aparecer, tanto na disciplina, como no movimento político, alguns questionamentos foram abertos para que essa categoria fosse analisada, Soihet (1997) nos diz da existência de uma “fragmentação de uma ideia universal de mulheres por classe, etnia e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista” (p. 277).

Analisando esse fragmento, percebe-se que a postura sobre a identidade feminina era vista como única, que seria essa “mulher universal”, mas os novos questionamentos e problematizações, confirmou a existência das múltiplas identidades, como visa na citação acima, agora não sendo mais sujeitas universais, mas sim com suas especificidades, mostradas nos estudos históricos. Assim, os estudos sobre as mulheres dão outra versão, como sujeito para as ciências humanas, a questão feminina trazida para a esfera do campo social, trouxe também as relações de gênero para serem discutidas na sociedade após o advento do movimento feminista.

O debate sobre mulheres e suas relações sociais, levantou questionamentos sobre as relações entre os sexos, homem e mulher. Para essa discussão temos que saber o que é gênero, qual o sentido do seu termo: “gênero é uma categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo associação

psicológica. Há gêneros masculino, feminino e neutro” (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda apud Joan Scott (1989, p. 02). Para Soihet “a palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual” (1997, p. 279). A autora nos quer dizer que, gênero nega a existência do sexo biológico, aquele em que a pessoa nasce determinada ser macho, ou fêmea. As relações de gênero abarcam as questões sociais e culturais, essas que somos canalizados desde o nascimento a seguir.

A teórica feminista, e uma das principais estudiosa sobre as relações de gênero em História, Joan Scott nos revela que o termo na gramática é compreendido como um meio de classificar fenômenos, Scott (1989) afirma que o termo gênero é sinônimo de mulher, contudo existem diversas definições para o termo. Nesse contexto, o uso do termo é mais objetivo e neutro do que mulheres:

Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, 1989, p. 06).

No seu uso mais objetivo, a palavra “gênero”, é um conceito associado às mulheres, em seu estudo no campo das pesquisas histórica, no entanto, ele não obteve força de análise suficiente para que fosse questionado os conceitos já existentes na história. Historiadora(e)s tiveram o empenho para aplicar novas teorias que pudessem explicar não somente o gênero, como também o contexto histórico feminino. Assim, Scott afirma que o “resultado foi muito eclético: empréstimos parciais que enviesam a força de análise de uma teoria particular, ou pior, que emprega os seus preceitos sem ter consciência das suas implicações” (SCOTT, 1989, p. 08), essas tentativas embasam-se em teorias universais, mostrando assuntos admiráveis, no entanto, com fantasias demasiadamente. Algumas posições teóricas foram feitas por historiadora(e)s, considerando a origem do patriarcado, canalizado na sociedade, o marxismo, na sua tradição e o pós-estruturalismo.

VOZES SILENCIADAS: O PODER DA NARRATIVA

As memórias são fontes históricas (PORTELLI, 1997, p. 05), e estão presentes na oralidade do coletivo e no individual, que estruturam por si uma narrativa de um tempo,

colocando a ordem dos fatos por olhares múltiplos, identificados por si como um organismo de subsistência de cada memória. As memórias analisadas e expostas dão sentido a um conjunto de ideias que formam um movimento social, que vigora até os dias atuais. Para o Literato Italiano Alessandro Portelli (1997) as fontes orais dizem muito mais em relação ao significado atribuído a um determinado evento, do que a datação que o mesmo ocorreu, nesse entendimento, a subjetividade de cada mulher entrevistada é o fio condutor para que tenhamos a compreensão do vivido por elas. Para tal, “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, e o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997 p, 31).

Tomamos para essa pesquisa a postura teórico-metodológica de Alessandro Portelli, este pesquisador impõe-se por sua peculiaridade ao tratar de uma fonte histórica, para o mesmo a transcrição de uma entrevista concedida deverá ser feita de acordo com que foi falado pelo entrevistado, mantendo sua identidade e sua causalidade, em outras palavras, considerando e respeitando a subjetividade de cada pessoa.

Em seu artigo *História oral e poder* o trabalho do historiador com a oralidade dos sujeitos é um ato político, porque não se tem somente o direito à palavra, mais também o direito de falar, e ser ouvido, e assim se tem um papel no discurso público. A relação do historiador com narradores orais está ligada não apenas como objeto de investigação, mas como sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre historiador e entrevistado, esse diálogo é propício a mudanças, quando o sujeito toma pra si o destino da conversa, cabendo ao historiador se adequar ao ritmo do diálogo.

Aqui as memórias são tratadas como fontes históricas para narrar numa temporalidade a construção de uma identidade social, elas representam elementos próprios de uma narração, bem como o fato de fazer parte dessa temporalidade implica a compreensão desses sujeitos como fontes persuasivas para esta pesquisa. A história oral segundo Portelli (2010) se originou nas margens, não somente da academia, mas das margens da política, os intelectuais que defendiam a história oral tiveram problemas, porque levaram a sério a tarefa de todo trabalho intelectual.

A história oral é ainda muito utilizada para o conhecimento histórico, sendo ela utilizada como metodologia ou técnica para exprimir ideias, manifestações, inquietudes e contar experiência de vidas de um tempo. Através dela muitos ensinamentos são transmitidos para outros agentes de seu tempo, e para além, permanecendo ela como método de socialização de conhecimento.

O autor coloca a questão do poder para o historiador como “esta é uma tarefa que todos temos como cidadãos, mas que é uma tarefa mais específica quando somos especialistas da palavra, especialistas da fala. Assim, falar a verdade ao poder é uma tarefa específica da História Oral”. (PORTELLI, 2010, p. 09). O poder da fala, do discurso das protagonistas, culmina na elaboração de um plano social para aquelas mulheres que estavam envolvidas não somente nas reivindicações delas, mas da sociedade.

O Movimento das Mulheres de Parintins (1980-1990) carregou durante anos de sua existência a marca de um novo tempo, próspero e singular, inserido no contexto da redemocratização do país que pairava sobre a sociedade, no sentido de vida libertária, onde o surgimento de movimentos sociais movia-se para uma nova visão de futuro, em consequência da ditadura civil-militar que ocorreu durante os anos de 1964 a 1985 que trouxe a repressão política, o domínio do Estado pelos militares, as infames formas de torturas para aqueles que se colocaram contra o ditames militar. “A cidade de Parintins nos anos de 1980-1990, foi palco para a inserção das mulheres em movimentos populares”(APOLÔNIO, FERREIRA, 2016, p. 253).

Parintins é um município do Estado do Amazonas, com população estimada em 113 832 mil habitantes, segundo dados do IBGE¹⁰, localiza-se a leste da Capital Manaus, 369 quilômetros de distância. A presença feminina dentro desse evento histórico foi marcada pelos diversos tipos de organizações, as mulheres resistiram contestando e mobilizando-se, muitas mães, professoras, freiras dentro das Comunidades Eclesiais de Base¹¹, organizaram-se e resistiram, os papéis sociais dessas mulheres estavam contra o tradicionalismo familiar, e em Parintins essa resistência estava presente nos movimentos, nos partidos e nos núcleos da Igreja Católica.

O MOVIMENTO DAS MULHERES

Quando você conflita o sistema patriarcal capitalista você é vadia, desocupada, não tem o que fazer, fica implicando com tudo, brigando por tudo, esses são os rótulos que a gente adquiriu na época, e que a gente arrasta até hoje, a leitura que a sociedade faz dentro da minha pessoa é que eu sou, encrenqueira, briguenta, eu sou intragável, só que eu não ligo pra isso, eu sou diferente, eu sou louca! (FÁTIMA GUEDES, 2017).

¹⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

¹¹As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são comunidades inclusivista da Igreja Católica que, incentivadas pela Teologia da Libertação após o Concílio Vaticano II (1962-1965) porque estão ligadas à Igreja ou a um grupo de ação social.

A epígrafe acima, nos apresenta como eram chamadas as mulheres que se manifestavam, os rótulos de; vadias, desocupadas e entre outros adjetivos pejorativos que o machismo atribui as mulheres quando não segue o sistema patriarcal. Para a filósofa existencialista Simone de Beauvoir, em seu livro *o Segundo Sexo* “A magia feminina foi profundamente domesticada dentro da família patriarcal”. (2016, p. 11). Ou seja, quando se contrapõem ao modelo dominante, essas mulheres são subjugadas por não seguirem a ordem “natural” dos fatos.

O primeiro ensaio do Movimento das Mulheres de Parintins surgiu nos anos de 1980, segundo a educadora popular Fátima Guedes “foi então um grupo de mulheres que naquela época já conseguiam ter uma leitura crítica e social do modelo do sistema patriarcal, e começaram a pensar numa associação que desse apoio para as mulheres vítimas de violência, e até como prevenção”. (FÁTIMA GUEDES, 2017).

Maria de Fátima Guedes, 65 anos é natural de Vila Amazônia, é formada em Letras, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com especialização em estudos latino americano, pela Universidade de Juiz de Fora – MG. É educadora popular pela formação articulação de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde, é militante da Marcha Mundial das Mulheres, e em Parintins, é criadora da Articulação Parintins Cidadã, e da TEIA de educação sócio ambiental e agro floresta.

A primeira organização de mulheres em Parintins foi nos anos de 1980, tendo como principais lideranças Fátima Guedes, Maria da Fé e Graça Guedes. A Igreja Católica participou da criação do Movimento “participava também a igreja de Parintins não era tão omissa como hoje, as irmãs Celene e a irmã Margarida elas participaram diretamente na construção desse momento, e acho que, para aquele início” (FÁTIMA GUEDES, 2017)¹².

O Movimento tinha sua participação efetiva na cidade, uma das reivindicações, foi para que um caso de estupro que ocorrera na cidade não ficasse impune, de acordo com o relato:

Uma das reivindicações naquela época, foi que teve um estupro uma violência muito grande naquela época, e essa jovem, e o estupro era um jovem de família classe média alta, família de empresários, e essa menina ficou assim ne, os olhares da comunidade por conta do estupro de classe média alta, e a menina que era vagabunda, ela que assediava. (Idem.)

¹² As entrevistas concedidas por essa personagem foram em sua residência, na varanda de sua casa.

Este caso de estupro que aconteceu na cidade, relatado pela entrevistada, persuade na falta de justiça sofrida pela vítima, o posicionamento da justiça perante um ato de violência contra a mulher, pleiteia com a questão financeira das partes, aquele que é mais vulnerável sente a desigualdade de tratamento perante a justiça. E esse crime não ficou impune porque o Movimento das Mulheres foi até o Fórum “fazer barulho”, defendendo os direitos daquela mulher, “então foi um conflito e uma confusão muito grande na época, e finalmente o cara foi condenado, mas aquelas condenações que o dinheiro ameniza” (Idem).

O Movimento tinha por uma das suas finalidades, segundo seu estatuto: “prestar assistência jurídica e apoio a suas associadas e não associadas, sobretudo quando forem violadas em seus direitos ou ameaçadas em sua liberdade de expressão e em atividades intelectuais”¹³. Para tanto, neste episódio, o Movimento das Mulheres ainda não havia registrado a sua Associação, mas já tinha seu posicionamento social nos casos de violência.

O Movimento reivindicou também a Delegacia especializada de violência contra as mulheres, para isso foram coletadas mais de cinco mil assinaturas, sobre isso Fátima Guedes enfatiza que:

A delegacia que a gente pedia na época, e que até hoje reivindicamos era uma delegacia que dialogasse com a problemática das mulheres, e o que a gente vê uma instituição que está ali a serviço do modelo patriarcal, não tem um atendimento humanizado para as mulheres vítimas, elas são reevitimizadas, porque elas saem daqui, vão pra lá, vão pra acolá, e não conseguem resolver nada, e quando elas chegam pra registrar os seus BOs ainda são submetidas a sátiras, a chacotas e sem contar que esse BOs são repassados para a imprensa, que a imprensa e os jornais, se você for ver os jornais pela manhã, violência contra às mulheres são trazidas pelos apresentadores dos jornais como piada, como humor e a comunidade acaba rindo, porque a sociedade não tem o alcance pra entender que está fazendo chacota contra as mulheres, não mudou em nada. Então as lutas nossas foi pra isso! (FÁTIMA GUEDES, 2017).

De acordo com depoimento de Fátima Guedes, os problemas relacionados as demandas sociais reivindicadas pelas mulheres perduram. Em Parintins inexistente uma Delegacia que resolva as agruras cotidianas enfrentadas pelas mulheres. Por outro lado, o jornalismo que circula na cidade de Parintins, atuou e continua atuando de forma depreciadora no que diz respeito à luta do Movimento das Mulheres. Registrar BOs é sofrível, segundo Guedes. A sociedade parece incorporar essa visão misógina sobre a figura feminina. As mulheres, assim, são alvo de chacotas, são ridicularizadas. Há nesse

¹³ Estatuto da Associação das Mulheres de Parintins (1990).

depoimento forte crítica a ridicularização relativas à luta feminina. Portanto, seria necessário que a forma como as mulheres são tratadas mudasse.

A delegacia foi conquistada, porém, não atuou de forma que pudesse suprir as necessidades das mulheres, pois logo ela foi integrada de forma geral para a comunidade, descaracterizando de sua função essencial: o atendimento aos problemas de violências contra a mulher. Fátima Guedes aponta também que um dos maiores feitos do Movimento foi a criação do Conselho Tutelar na cidade, uma conquista para o Movimento. As reivindicações foram atendidas, de forma gradativa, mas que ainda precisam ser ajustadas às necessidades das mulheres e da comunidade.

“Hoje, eu sinto, assim, eu observo pela comprovação do que a gente faz no dia a dia, houve um amadurecimento dessas sujeitas históricas, e esse amadurecimento ajudou a criar um perfil de respeitabilidade hoje, e também referência para outras mulheres”, ressalta Fátima Guedes. O Movimento deixou sua marca na cidade, pois as reivindicações, e conquistas, nelas expressam o poder e autonomia feminina dessas mulheres que lutaram para que seus direitos fossem efetivados.

E hoje percebe-se que há fragmentos desse movimento, pois ao longo do tempo, surgiram outros movimentos\grupos, como o Vitória Régia, coordenado pela pessoa de Arineide Tavares¹⁴, e o MANI comandado por Maria da Fé, e também temos a Articulação Parintins cidadã – comandado por Fátima Guedes. Esses Movimentos que surgiram após o Movimento das Mulheres, travaram lutas para reivindicar direitos, e lutar contra as injustiças sociais da cidade.

Sempre nós fomos tidas como “as mulheres radicais”, Deus “zulivre”, nós, radicais não sei por onde. É, mas foi muito bom esse nosso movimento olha, porque as curras acabaram, acabaram, você já ouviu falar em curra por aqui? pois é, nosso trabalho realmente, porque deu pra espantar os estupradores, depois, agora que não vemos movimento, porque a estupração está enorme por aqui, isso já se tornou normal. (MARIA DA FÉ, 2017).

A narrativa de Maria da Fé, coloca em questão a banalização do corpo feminino, a qual era, e ainda é, um dos casos de mais vulnerabilidade, a violência contra a mulher, estima-se de que 527 mil pessoas são estupradas por ano no país¹⁵. E sua condolência às mulheres, mais precisamente com suas alunas, foi o que lhe motivou a resistir e a agregar para o Movimento das Mulheres.

¹⁴ Foi uma das associadas da Associação das Mulheres na década de 1980-1990.

¹⁵ De acordo com os dados produzidos pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica aplicada) em 2016.

A narrativa colocada acima, expressa a forma de como elas eram vistas na cidade, como também, enfatiza seu posicionamento político que estava firmado com o Partido dos Trabalhadores, sendo ela, candidata pela primeira vez a Deputada Estadual em 1982, tinha 24 anos, para que o partido se firmasse em Parintins eram necessárias filiações em demanda. Questionada de como era a relação do Movimento com a gestão pública da época, a mesma relata que “assim era, a gente nem ligava muito pra essa questão de prefeito, porque era uma coisa tão ridículo que a gente nem ligava, a gente ultrapassava essas coisas, a gente era ousada, muito mais adiante, enfim, hoje ainda existe o resquício disso”.

Maria da Fé, é professora aposentada, hoje atua como presidente do Conselho Municipal de Cidade de Parintins, filiada no Partido dos Trabalhadores (PT), foi uma das protagonistas do Movimento das Mulheres nos anos de 1980 na cidade de Parintins, atuou juntamente com o partido dos trabalhadores em Parintins no momento em que o país estava em processo de redemocratização, onde o pensamento de liberdade, democracia suspirava entre os diversos setores na sociedade.

Ela envolveu-se na Igreja Católica do bairro de Palmares, foi quando conheceu a Teologia da Libertação. A Teologia da Libertação¹⁶, surgiu em Parintins com o propósito de despertar a consciência crítica nas pessoas, para que pudessem sensibilizar sobre a problemática da redemocratização do país, que acontecera naquela época.

A Igreja Católica em Parintins, aqui mencionada é a Paróquia de Nossa Senhora de Lurdes, no bairro de Palmares, representada pelo Padre Dinelly¹⁷, que envolveu Maria da Fé nas questões sociais da época. Sua atuação como professora já seria sua primeira ação social dentro da sociedade, sua iniciativa no Movimento das Mulheres segundo a mesma “naquele tempo existia muito estupro, eu sentia isso na escola quanto professora, em 1982, e aí, via sabe os próprios alunos faziam curra nas mulheres, nas meninas né, escolhiam, selecionam, e aquilo ali me perturbava muito”. As curras eram estupro coletivo que na sua maioria aconteciam nos bairros periféricos da cidade.

Suas atuações militantes nas demandas sociais marcaram sua trajetória, Maria da Fé fala sobre a participação feminina nos movimentos sociais, e para ela “as mulheres eram muito desorganizadas sabe, e até hoje muito desorganizadas, muito apáticas, sofrem sozinhas, muito individualista, é muito difícil organizar mulheres aqui em Parintins”.

¹⁶ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã, que surgiu na América Latina após o Concílio Vaticano II e da Conferencia de Medellín.

¹⁷ Foi vigário da diocese de Parintins, e doutor em Teologia pela PUC do Rio de Janeiro.

Esses problemas da sociedade podem ser encarados pelo lado das classes sociais, as pessoas de mais vulnerabilidade sofriam com os dilemas sociais, o Movimento segundo ela inicialmente foi movido pela questão dos estupros que aconteciam corriqueiramente. A cidade naquele momento não tinha uma estrutura de programas sociais para juventude, e a escola respondia por esse papel de colaborar para a conduta do aluno fora do âmbito escolar.

Uma das reivindicações do Movimento das Mulheres em Parintins foi sobre a delegacia da mulher, um abaixo assinado foi feito para que em Parintins tivesse uma delegacia das mulheres. Maria da Fé relembra que: “quando eu fui embora daqui, como eu te disse, em 1997 eu fui embora pra Manaus, passei 15 anos em Manaus. E quando voltei de lá me disseram que as nossas reivindicações tinham surgido efeito”. De acordo com sua narrativa, “a delegacia de mulheres foi feita em Parintins, mas, nos dias atuais ela serve como a única delegacia da cidade”.

O perfil dessas mulheres, era muito particular, a presença de freiras eram de extrema importância porque foi também através dos grupos das pastorais da Igrejas que o Movimento ganhou forma, Irmã Margarida e Irmã Celene eram mulheres persuasivas, Maria da Fé se lembra das freiras que também colaboravam para que as questões sociais fossem resolvidas e estavam ativamente nas lutas sociais, assim como mãe, professoras e também mulheres de juízes faziam parte do Movimento.

O Movimento tinha representatividade e era inerente, não se tinha um lugar de encontro certo, não havia uma associação até dado momento. Na fala de Maria da Fé, os lugares de encontro variavam de acordo com a disponibilidade de cada integrante. Ela conta que “era a sala da Igreja, era no Palmares, no Santa Rita, era na casa das mulheres, qualquer lugar que dava pra gente reunir, e as mulheres iam, sabia. Era muito melhor que as mulheres de hoje”. (MARIA DA FÉ, 2017).

A militante expressa insatisfação com a juventude dos dias de hoje, pois fala que mesmo com a universidade a juventude não se envolve, não participa, é silenciada com os problemas que a sociedade tem, “mesmo sabendo do que se passa não se tem a ousadia de se manifestar, diferente da nossa juventude, que ia atrás, ia pra luta e não se calava”. (MARIA DA FÉ, 2017).

Os resquícios mencionados por Maria da Fé estão ligados com os Novos Movimentos que surgiram e que se tem hoje, há lideranças femininas que atuam nas lutas sociais de ocupações de terras em Parintins, que diretamente e indiretamente Maria da Fé e Graça Guedes atuam, mas, deixarei esse assunto para próxima sessão.

O Movimento tinha bastante participação feminina, os dados sobre as atas contidas no cartório nos mostram que no segundo encontro, transcrito como: “Aos 19 dias do mês de 1990¹⁸, em meu cartório, compareceu: Associação das mulheres de Parintins, que apresentaram-me um documento para ser transcrito do teor seguinte: ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DE PARINTINS; CAPÍTULO I- NA NATUREZA E FINALIDADE:

Artigo I- A Associação das Mulheres de Parintins é uma organização sem fins lucrativos, dotados de personalidade jurídicas sem distinção de raça, cor, partidário político e religioso.

Seu prazo de duração é por tempo indeterminado, o que se rege pelo seu prazo de duração é por prazo indeterminado e que se rege pelo presente estatuto.

Artigo II- A Associação das Mulheres de Parintins tem por finalidade:

- a) Congregar o maior número de mulheres do município de Parintins com o objetivo de assegurar os direitos das associadas ou não;
- b) Buscar soluções para os problemas das mulheres, tendo em vista sua dignidade e valorização enquanto ser humano;
- c) Incentivar o aprimoramento cultural, intelectual das associadas e seus familiares, bem como atividades desportivas e de lazer;
- d) Manter intercâmbio com outras entidades Nacionais e Internacionais, estabelecendo acordos e convênios, visando o desenvolvimento da Associação na defesa de interesses comuns das associadas;
- e) Prestar assistência jurídica e apoio a suas associadas e não associadas, sobretudo quando forem violadas em seus direitos ou ameaçadas em sua liberdade de expressão e em atividades intelectuais;
- f) Promover encontros, seminários, cursos, etc. como mecanismo de conscientização do Direito da Mulher;
- g) Incentivar intercâmbio com outras associações, sindicatos, estimulando a solidariedade entre os trabalhadores em geral;
- h) Ter direito à representação quando houver reunião acerca de problemas sociais nos órgãos da saúde ou educação, de interesses da comunidade.

As datações sobre o movimento foram pesquisas em Cartório, pois nele se tem registros do Movimento e logo que viria ser a associação, nesta pesquisa usaremos o

¹⁸ O texto aqui mencionado, segue igual de acordo com o da Ata, nesse, encontrado a falta da colocação do mês que procedeu a escritura.

termo Movimento, mesmo quando o mesmo tornou-se associação. Para tanto, em um dos meus contatos com a também protagonista do Movimento das Mulheres, já apresentada na introdução como sujeita desta pesquisa, Graça Guedes, fiz o convite a ela, para que pudéssemos ir até o cartório para verificarmos alguns registros que pudessem se fazer relevante para a pesquisa, fomos até ele, e o contato com o livro Ata no qual estava registrado um dos encontros do Movimento e o estatuto da Associação, fizeram com que Graça Guedes recordasse ao passado com as memórias refletidas, a mesma se emocionou diante da memória da origem do Movimento.

Graça Guedes conjectura por suas memórias, que o Movimento tornou-se Associação a partir desse encontro, pois o mesmo tem datação no cartório no dia dezenove de outubro de mil novecentos e noventa, com a ampla participação da comunidade, e dos interiores vizinhos.

Graças Guedes foi catequista aos 13 anos, entrou para o grupo de jovens da Paróquia de Lurdes na década de 1980, a mesma relata que foi o Padre Dinelly que introduziu o conceito de CEBs em Parintins, mas foi impulsionado pelo Padre Manoel do Carmo, treinando as lideranças da comunidade, a mesma ressalta que a Paróquia de Lurdes naquele tempo era a mais crítica. Seu curso de Teologia da Libertação foi ministrado em Manaus, pela Universidade Santa Úrsula de Teresópolis – RJ. A mesma, fala que o curso impulsionou mais o nível de consciência crítica dos jovens daquela época, segundo sua narrativa “a Teologia da Libertação contribui com as discussões e lutas dentro das igrejas para a queda do regime militar”.

É notório que em sua narrativa, a Teologia da Libertação tinha um poder influenciador muito extensivo dentro da Paróquia de Lurdes, isso fazia com que as mulheres, assim como as freiras, que também eram mulheres, aparecem como agentes de articulação entre a Igreja e o Movimento. Em que muitas das vezes se colocavam contra as injustiças sociais, e para Graça Guedes foram “as irmãs as percussoras do Movimento das Mulheres”. A igreja de Lurdes, dava subsídios para que o Movimento se fortalecesse na comunidade, sendo esse verificado nas *táticas* que as mulheres do Movimento utilizavam para se propagar no meio social.

Para Michel de Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer* a qual discute e sugere maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, supondo ações *táticas* para concretizar-se, habilitar, circular, falar, ler, ir às compras ou

cozinhar, atividades essas que correspondem com o conceito de tática¹⁹. Essas *táticas*, averiguadas no discurso das personagens, conotam-se o sentimento de resistência do Movimento, e nos lugares as quais elas se apropriavam para se aproximarem do social.

A Igreja se dispunha de um programa de rádio chamado *O povo e a bíblia*, dirigido pelo Padre Manoel do Carmo, para difundir o pensamento ideológico da igreja, e Graça Guedes como Maria da Fé, participavam do programa, nas entrevistas concedidas pela Maria da Fé, a qual foi perguntada se elas utilizavam do programa de rádio para fazer manifestações, denúncias, ou se realmente tinham um programa de rádio que mobilizassem as mulheres, ela, diz que:

Nós tínhamos um programa da Igreja que participava, mas que colocávamos as coisas do Movimento e tal... não tínhamos um programa da mulher, era mais a questão da religião mesmo, a gente focava a questão social e tal, entendeu, mas era melhor do que agora, porque não existe mais isso, você tem que pagar” (MARIA DA FÉ, 2017).

Essas *táticas*, estiveram presente no discurso feminista do Movimento, a utilização do que “se tinha” naquela época, foi o que marcou aquelas mulheres, com poucos recursos, elas conseguiram se impor numa comunidade, em que a política vigente do município por aqueles que “tinham” era maior do que o delas. Segundo Certeau (2008) tática é a ação do indivíduo que se dá pela ausência de um próprio, quando nenhuma delimitação do que vem de fora fornece a condição de autonomia.

As primeiras discussões do Partido dos Trabalhadores em Parintins, segundo Graça Guedes foi dada pelo Padre Dinelly, que impulsionaram mais sua atuação na política partidária e no social. Graça aos 21 anos foi candidata a vice-prefeita pelo Partido dos Trabalhadores, juntamente com o Antônio Cursino, atuou também na Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, de Parintins (CDDH), e na Comissão Pastoral da Terra (CPT). E na sua trajetória política, Graça Guedes relata como era seu modo de atuação, sua resistência de luta dentro do Partido:

A gente circulava nas ruas da cidade chamando voto para o PT numa carroça²⁰ com um megafone e um amplificador era uma campanha alternativa, e quando terminava de circula por volta das 18:00 horas, colocávamos duas artias debaixo da carroça, faziam a carroça de palanque, o pessoal ia por que achava engraçado, o povo fazia caçoada²¹ por achar cômico, e falávamos “a gente não tem trio elétrico como a burguesia. (GRAÇA GUEDES, 2017).

¹⁹ É sugestivo para melhor compreensão desse conceito a leitura do livro *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*, de Michel de Certeau, publicado pela editora Vozes, em 2008.

²⁰ É um meio de transporte que antecede a chegada dos veículos a vapor.

²¹ Engraçado.

Naquele tempo, era comum o uso do trio elétrico para os famosos showmícios²². Essas *táticas* descritas por Graça Guedes, pode ser analisado no plano social e econômico do partido político em que estava inserida, o PT nesse momento estava surgindo em Parintins e criando forma a partir desses sujeitos, com a participação do Padre Dinelly, e sua atuação junto ao partido foi dada de forma muito peculiar, a mesma afirma que “o PT de essência era assim, humilde, tinha como filiados pedreiros, carroceiros, carregadores, trabalhadores rurais, entre outros trabalhadores do povão”. Ainda relembra:

Nesse período o PT era mais autêntico no município, não fazia coligações com o partido da burguesia, O PT enfraqueceu-se no município, quando começou a coligar, o PT cumpria mais com sua essência de partidos dos trabalhadores, lamento o erro histórico do partido por ter coligado com os partidos da burguesia.

Graça Guedes Relembra ainda que a propagação do Partido dos Trabalhadores era em cartazes feitos na xerox preto e branco, essas *táticas* serviriam para a propagação delas, enquanto militante do Partido, quanto para o Movimento, atuou juntamente com Maria da Fé e Fátima Guedes, nas manifestações no Movimento das Mulheres que ocorrera na cidade, o Movimento se perpetuou na cidade de forma dinâmica.

Não havia uma programação a seguir, segundo Maria da Fé “era mais coisa da hora mesmo, precisa disso aqui, precisa daquilo ali, vai panfletar, mas não existia essa organização, mas mesmo assim, apesar de não existir nada disso, a gente começou a ser respeitada” (MARIA DA FÉ, 2017).

O Movimento de Mulheres em Parintins, cresceu juntou com o Partido dos Trabalhadores na cidade, ambos impulsionados pela Igreja Católica, pela Teologia da Libertação. O Movimento das Mulheres de Parintins conquistou o seu espaço, suas reivindicações foram atendidas, gradativamente. Graça Guedes, ressalta que sua dedicação naquela época era profissional liberada pela CPT²³ e CDDH²⁴, portanto tinha mais tempo disponível para a articulação dos movimentos.

Aos vinte e nove anos, concluiu a faculdade de Geografia, após ter trabalhado três anos como professora na Escola Estadual Irmã Sá²⁵ em regime especial (professora

²² Eram eventos políticos onde se tinha apresentações de bandas músicas nos intervalos dos comícios.

²³ Comissão Pastoral da Terra.

²⁴ Comissão de defesa dos Direitos Humanos, de Parintins.

²⁵ É uma escola da rede Estadual de ensino, do município de Parintins.

contratada). Em março de 1996, passou no concurso da Seduc para Manaus, onde morou por dezesseis anos e nove meses.

Quando a mesma retornou para Parintins em 2013, percebeu que o Movimento não era o mesmo deixado por ela, pois encontrou vários problemas sociais e sem respostas, tanto do poder público quanto dos movimentos sociais. “Parintins estava com vários problemas sociais sem atuação do poder público, e sem cobranças por parte dos movimentos sociais, estavam na inércia” (GRAÇA GUEDES, 2017)²⁶. E pra tanto, sua mobilização diante dos novos problemas sociais causou estranheza perante a sociedade, o Movimento das Mulheres em Parintins nas décadas de 1980 – 1990 era mais vigoroso para o enfrentamento dos problemas sociais da época.

Atitudes que eram comuns por pessoas ligadas ao Movimento eram aceitas sem espanto pela população, por que a população queria mudanças e estávamos vindo de uma ditadura militar, onde os protestos eram comuns, quando cheguei em Parintins em 2013, ainda no primeiro semestre, ocorreu na câmara dos vereadores uma sessão com a presença do presidente do Detran onde estava sendo articulado com o Prefeito da época, a municipalização do trânsito do município (GRAÇA GUEDES, 2017).

Elucidadas nas suas lembranças, Graça Guedes parte de suas memórias mais recentes de atuação, como já citado acima, e a mesma faz questão de enfatizar esse episódio que marcou sua volta a Parintins. Emblemáticas das lutas sociais, sua participação em uma audiência pública no seu retorno para Parintins, narra sua postura diante do ocorrido.

Pronunciei-me de forma contundente, juntamente com a colega Rosa Araújo, de que Parintins não estava preparada para receber a municipalização do trânsito, com a urgência como almejava o prefeito Alexandre, em 2013. Enfatizando ainda as problemáticas, tais como: buracos nas ruas, falta de faixa de pedestre, semáforos que não funcionavam a contento, faltando ainda a implantação de outros em certas áreas da cidade, considerando ainda que a maioria dos condutores na cidade não dispunham de CNH. Portanto, a municipalização do trânsito no município, nesses moldes, seria na nossa concepção, uma ‘indústria de multa’ (GRAÇA GUEDES, 2017).

Segundo a mesma, nessa semana surgiu alguns comentários tendenciosos na cidade sobre de que a mesma deu uma de “louca” com tal atitude. Esse foi um dos marcos de luta de Graça Guedes ao retorna para a cidade de Parintins. E a mesma diz “que atitudes como esta, eram comuns no auge das lutas dos movimentos sociais em Parintins, por parte dos seus membros, entre as décadas de 80 e 90. Dessa forma, em sua concepção, lamenta

²⁶ Entrevista concedida na Escola de Tempo Integral CETI, onde é professora.

que “se foi interpretada dessa forma por parte de algumas pessoas, significa que Parintins estava apática diante dos problemas sociais, e que a sociedade parecia não estar mais acostumada com tais reivindicações”.

Atualmente, Graça Guedes está envolvida com a rearticulação do retorno da Comissão Pastoral da Terra, e a Comissão dos Direitos Humanos em Parintins, e a mesma propõe a criação e fortalecimento dessas comissões nas cidades vizinhas, para que haja uma maior conscientização da população em relação aos seus direitos individuais e coletivos, assim como, o encaminhamento das lutas nesses municípios.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UM NOVO HORIZONTE PARA AS QUESTÕES SOCIAIS

[...], eu era uma jovem, alienada da Igreja Católica, na década de 70, participando do grupo de jovens e tal, e de repente começou uma discussão sobre a Teologia da Libertação, então isso daí abriu-se um horizonte para novas discussões, para a questão social da igreja. (MARIA DA FÉ, 2017).

A fonte oral descrita, tem por objetivo apresentar ao leitor a importância da Igreja Católica para o surgimento do Movimento das Mulheres, uma vez que, o Movimento saiu do bairro de Palmares, impulsionado pela Paróquia de Lurdes, Santa Rita e São Vicente. Nesse momento a Igreja Católica começara a defender as questões sociais e política. O Brasil estava vivendo o fim da ditadura civil-militar, e nesse contexto, surgiram várias ideias de pensamento libertário.

Nesse contexto em Parintins a Igreja Católica introduziu o conceito de CEBs, os padres que atuavam na época segundo os relatos das entrevistadas eram o Padre Dinelli e Manoel do Carmo, que tiveram significativa participação na vida eclesial das protagonistas desse movimento.

A Teologia da Libertação mencionada por Maria da Fé ocorreu não somente no Brasil, mas na América Latina, um movimento apartidário e inclusivista de teologia política, que traz o pensamento de Jesus Cristo Libertador, que ressignifica o pensamento eclesial nos ensinamentos bíblicos da libertação de injustiças, e desigualdades sociais.

A difusão da Teologia da Libertação estava muito forte da América Latina, foi criado pelo Padre Peruano Gustavo Gutiérrez, que publicou o livro *Teologia da Libertação* em 1971. No Brasil a propagação da teologia foi disseminado por Leonardo Boff em 1972 com a publicação *Jesus Cristo Libertador*, Boff começou a ser representante desta corrente teológica no Brasil, que discutia se a discussão teologia era

carisma ou política. Trazendo para a cidade de Parintins, a Igreja Católica permitiu que esse novo conceito teológico fosse colocado em Prática pelos padres, e o Padre Manoel do Carmo foi um dos disseminadores no município.

Foi na sua volta para o Amazonas, especificamente na cidade de Maués²⁷ que o Padre fez a *experiência* de levar a Teologia da Libertação na área rural e pastoral, foi trabalhado em Maués os circuitos bíblicos e as Comunidades Eclesiais de Bases. Assim, na sua volta a Parintins, padre Manoel teve como marco, a realização da primeira *Missa do Índio*, cerimônia essa que o ordena diácono na Comunidade Nossa Senhora de Lurdes, em agosto de 1985. E mais,

Um dia na reunião do Clero, ainda como diácono, Dom Arcângelo tinha ... da Conferencia mundial dos bispos do Brasil que ele deveria criar lá, as Comunidades Eclesiais de Bases, dá uma articulação melhor, a Comissão dos Direitos Humanos, e a Comissão Pastoral da Terra. Numa reunião do Clero, ele trouxe esse material, e disse quem gostaria de se interessar, diante então da demora dos desafios dos colegas eu disse ‘eu vou me interessar por isto, então desde lá, começou um trabalho de articulação das Comunidades Eclesiais de Bases e a comissão dos direitos humanos, e a pastoral da terra. (MANOEL DO CARMO, 2017)²⁸.

Averiguamos caro leitor que os eventuais movimentos iniciais na cidade de Parintins, tanto dos primeiros ensaios do Movimento de Mulheres, as CEBs, o CDDH, e CPT, forjaram-se da conduta eclesiástica do Padre Manoel do Carmo, esse claro, com a participação de outros anônimos, a qual trouxe para cidade de Parintins, os trabalhos a serem desenvolvidos por ele, e pela paróquia.

Agora tendo a Igreja Católica, com a Teologia da Libertação, no campo político e social, Manoel do Carmo defende a teologia como “a teologia é uma mística evangélica, é o trabalho social é uma mística da sociedade que discute a cidadania”. Juntamente com a igreja, vários trabalhos sociais eram desenvolvidos por ele, a presença feminina do clero, da Paróquia de Lurdes estavam presentes na formação do movimento, irmã Celene, e Irmã Margarida atuaram juntamente como as demais mulheres para que o movimento criasse forma, essa já enfatizada pelas oralidades das personagens citadas nesta pesquisa.

²⁷ É um município brasileiro do Estado do Amazonas.

²⁸ Para obter essa entrevista, desloquei-me- de Parintins até a capital Manaus, onde o mesmo reside, sendo essa entrevista concedida em seu local de trabalho, na Faculdade Uninorte.

PERMANÊNCIAS E RUPTURAS: MULHERES NO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DOS BAIROS PASCOAL ALÁGIO E CASTANHEIRAS, UMA ETNOGRAFIA.

Durante essa pesquisa, em um dos encontros que tive com a Graça Guedes, a mesma me falou sobre a reintegração de terra que estava acontecendo no bairro do Pascoal Alágio e que ela ia “*pra lá*”, ajudar as pessoas, informei-me de que se tratava essa reintegração de terra, e sem falar muito, Graça me deixou inquieta perante sua fala, na pressa, ela saiu e marcou outro momento para que eu pudesse encontra-la e fazer a entrevista.

Tive a curiosidade para saber onde era a reintegração, e logo cogitei a possibilidade de ir até lá, e ver como hoje essa liderança que atuou nos anos de 1980 – 1990 se manteve atuante e presente nos movimentos sociais e problema atuais, ou de liderança, e qual seria seu papel social nos dias atuais.

Ao situar-me sobre a situação, deparei-me não somente com as novas lideranças femininas, mas também com os problemas de habitação que aquele determinado local estava passando. Tive a oportunidade de estar entre elas, Maria da Fé, Graça Guedes, protagonistas de suas lutas e de tantos outros sujeitos, temos aqui, as lideranças de ontem unindo e somando força, com as lideranças de hoje, como a jovem Rafaela.

Rafaela Ribeiro, 27 anos, atua como liderança na ocupação do Pascoal Alágio, ela faz parte da Associação de Moradores do bairro Nova Conquista, com 1 ano e 5 meses de ocupação, onde tive a oportunidade de conversar com a “Rafa”, como é chamada, sobre o que estava realmente acontecendo naquela ocasião. O que seria apenas uma pesquisa de campo, ou um apontamento necessário para compreender a atuação do Movimento das Mulheres do passado, hoje integrado neste de ocupação de terra, tornou-se em amizade e cumplicidade, entre eu, e a Rafaela.

Em princípio, meu intuito foi de saber o que estava acontecendo, e o porquê da reintegração de terra, confesso, não sabia a mínima do que se tratava. Ao adentrar a localidade do bairro Pascoal Alágio, deparei-me logo com o descaso público que existia ali, ruas que não são asfaltadas, falta de iluminação pública e lixeiras viciadas, meu percurso até as ocupações foi difícil, no entanto, conseguir localizar a ocupação, o cenário é visivelmente caótico, os casebres já estavam sendo desmontados, a fiação elétrica não existia mais, já estavam em processo de desocupação.

Aproximei-me de moradores, para os mesmos falarem sobre a desocupação, e eles afirmavam, “é melhor você fala com a Rafa, é ela que fala por nós”. Atenta a isso, pedi informações onde poderia encontra-la, uma senhora me indicou, e logo, cheguei até uma casa onde ela estaria. Ao me pronunciar, “vocês conhecem a Rafaela”, logo ela sorriu e disse, “sou eu”. Esse primeiro contato foi muito amistoso, sendo cordial comigo, estendeu-me uma cadeira para que eu pudesse ficar à vontade, perguntei se eu poderia gravar a nossa conversa, e a mesma concordou que sim. E perguntei, “você que representa as pessoas daqui?”, e a mesma não hesitou em dizer “não, eu luto junto com eles por essas terras, para que tenhamos uma moradia digna”. O discurso da Rafa, mostra o empoderamento dela enquanto mulher e de outras mulheres que ali estavam presentes, participando da luta para que aquelas pessoas permanecessem nas terras.

As ocupações adentraram o bairro no Pascoal Alágio, em suas margens, com as ocupações “criou-se” um novo bairro, mas é conotado como Associação *nova conquista*, segundo a Semasth²⁹ existem 1.800 famílias registradas, as terras são do proprietário Antônio Esteves e João Bacú, ainda existe uma área que os moradores alegam ser da prefeitura. Rafaela ressalta que durante a campanha política de 2016, o atual prefeito em promessa, discursou que iria dar outras terras para que pudessem se mudar, e fazer a política de ocupação. No entanto, a ordem de reintegração de terra já estava declarada, e que eles tinham poucos dias para que envasassem da ocupação, a polícia da Rocam de Manaus, estava na cidade para dar “apoio” a reintegração. Com a presença da polícia, os moradores ficaram amedrontados, muitos pais temiam um confronto da polícia com a população.

Rafaela é símbolo de resistência daquela ocupação, apresentada como líder para discutir as questões da ocupação, indo nas mídias se pronunciar contra a reintegração. Meu diálogo com ela foi muito comovente, pois a mesma me relatou que perdeu sua família, para que pudesse estar junto aos outros na ocupação, seu ex-marido foi para Manaus, levando seus filhos, na época que ela entrou na ocupação seu marido “a deixou”, perguntei quanto tempo ela estava separada, e ela disse que fazia, 1 ano e cinco meses, o tempo que estava na ocupação.

Emocionada, Rafaela diz “eu vou levar essa experiência pro resto na minha vida, eu nunca me imaginei ser uma líder, mas sim uma pessoa que apenas falou por eles, por que eu não sou líder de nada, sou apenas um deles, que tentei mostrar pra eles a

²⁹ Secretaria Municipal de Assistência Social

necessidade do povo”. Assim como a Rafa, existia outras lideranças, dentro nas ocupações, mas no momento só me dispus pelo tempo a conversar com ela. Paralelo a isso, perguntei a ela sobre as suas influencias, e se tinha conhecimento do Movimento das Mulheres da década de 1980 – 1990, e a mesma me falou que sabia da história do Movimento pela dona Maria da Fé, do qual tinha mais proximidade, ressalta que em umas das conversas que teve com a dona Maria da Fé, a mesma disse que a Rafaela era parecida com ela quando jovem, e que ela se enxergava nela.

Finalizando a minha conversa com a Rafa, voltei para minha casa, na expectativa de poder volta no outro dia, para acompanhar o desfecho da reintegração de terra. A reintegração tinha sido marcada para o dia 23 de Outubro (segunda-feira). No entanto, no dia 21 de outubro, em mais um dos meus encontros com a Graça Guedes, fomos para outra ocupação, que até então era desconhecida por mim, a ocupação do Bairro Castanheira, chegando lá, fomos até a casa do representante da Associação *Por uma moradia melhor*, Kildson Teixeira Roberto, e Maisa Nunes dos Santos, estes representavam a associação e os assentados na ocupação.

Chegando lá, eu e Graça Guedes, fui apresentada a eles, e os mesmos fizeram uma reunião para que fossem discutidos os últimos acontecimentos, foram chegando alguns moradores, e ela Maria da Fé, passaram a manhã de sábado discutindo sobre a possível anulação da reintegração de terra. E pelo horário das 14 horas da tarde, foi anunciado pela rádio e pelas redes sociais a anulação do pedido de reintegração de terra.

A felicidade dos moradores em receber a notícias foi muito grande, muitos moradores pararam de desmontar suas casas, e começaram a festejar a decisão de ordem judicial. Pude perceber a união entre os moradores. E logo convocaram uma reunião em baixo de uma castanheira, as lideranças colocaram-se diante do povo.

Finalizando por esse meu exercício etnográfico, o esclarecimento que se faz necessário para a menção do que foi presenciado por mim na cidade de Parintins nos dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2017, julgo importante, pois para compreendermos a importância dos movimentos sociais, nele, o Movimento das Mulheres, esse tendo participação e influencia pelas personagens do seu tempo, e a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, este que também acompanhou o processo das ocupações. É importante o ressaltado das lideranças femininas e masculinas, nos movimentos de ocupação de terra, e nos outros setores da sociedade. Podemos perceber que apesar do tempo, das pessoas, das inconstantes deflagrações dos problemas sociais da comunidade, os movimentos de

resistência mantem-se vivos, outrora com outros personagens e outros problemas sociais a serem encarados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi bastante significativa para mim, enquanto mulher e estudante do curso de história, pois nessas linhas contentei-me em escrever uma História das Mulheres de Parintins, em um contexto onde as lutas sociais, movidas pelo surgimento de movimentos sociais que afloraram no Brasil nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e pela inserção da mulher visibilizada na história, protagonizadas por elas, e pelas suas lutas diárias, sendo mães, esposas, professoras, freiras, trabalhadoras, dona de casa, que no seu percurso de vida, encontraram-se em um emaranhado do sistema patriarcal, esse que ainda se faz dominante na sociedade, Para Margareth Rago (2001) Homens e mulheres deveriam ser radicalmente transformado em todos os espaços de sociabilidade, para que homens e mulheres desfrutassem da igualdade, assim as mulheres teriam ampla participação na vida social.

O Movimento das Mulheres, foi um importante Movimento social nos anos de 1980-1990 para a o engajamento das mulheres na inserção da vida pública e política em Parintins, esse Movimento caracterizado por rupturas e continuidades, descontínuo, pois ele se mostra atuante nas novas formas de lutas, surgindo, assim outras lideranças femininas: protagonistas de seu tempo. Parafraseando Thais do Nascimento³⁰ as mulheres aqui compreendidas como protagonistas estão representadas por suas imagens, vozes e decisões dentro dos movimentos sociais.

³⁰ Antropóloga, mestra em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, estudou as relações de gênero na Amazônia, com seu trabalho titulado *Entre a cidade e o campo: o lugar das mulheres e o lugar dos homens em uma área rural Amazônia*, encontrado no livro *Intersecção de Gênero na Amazônia*, publicado pela editora EDUA, em Manaus, 2011.

FONTES NARRATIVAS

ARAÚJO, Maria de Fátima Guedes. *Maria de Fátima Guedes Araújo* [14 de Novembro. 2017]. Entrevistadora: Ianna Paula Batista Gonçalves. Entrevista concedida em sua residência, 2017.

CARMO, Manoel do. *Manoel do Carmo* [31 de Outubro. 2017]. Entrevistadora: Ianna Paula Batista Gonçalves. Entrevista concedida no seu local de trabalho, Faculdade Uninorte, Manaus, 2017.

FÉ, Maria da. *Maria da Fé* [09 de outubro. 2017]. Entrevistadora: Ianna Paula Batista Gonçalves. Entrevista concedida em seu local de trabalho, PAC de Parintins, 2017.

GRAÇA, Guedes. *Graça Guedes* [21 de outubro. 2017]. Entrevistadora: Ianna Paula Batista Gonçalves. Entrevista concedida na feira de Parintins e na escola de Centro Educacional de Tempo Integral - CETE, Parintins, 2017.

RIBEIRO, Rafaela. *Rafaela Ribeiro* [20 de outubro. 2017]. Entrevistadora: Ianna Paula Batista Gonçalves. Entrevista concedida na varanda da casa de uma moradora da ocupação do Pascoal Alágio, Parintins, 2017.

FONTES ESCRITAS

IBGE – Instituto de Geografia e Estatística. 2016

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica aplicada. 2016.

ATA do Livro tombo nos anos de 1990. Cartório de Parintins, 2017.

REFERÊNCIAS

APOLÔNIO, Dayanna Batista & FERREIRA, Arcângelo da Silva. Quando memórias suscitam histórias: vivências e experiências de mulheres no Bairro Djard Viera, cidade de Parintins (1980-1990). IN: FERREIRA, Arcangelo *et al.* **Pensar, Fazer e Ensinar**. Manaus (AM): UEA edições; Valer, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano**. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

DENÓFRIO, Darcy França. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 2011.

NASCIMENTO, Thais Tartalha do. Entre a cidade e o campo: o lugar das mulheres e o lugar dos homens em uma área rural Amazônia. IN: TORRES, Iraildes Caldas & FABIANE, Vinente dos Santos. **Intersecção de gênero na Amazônia**, Manaus: EDUA, 2011.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. IN: DEL PRIORE, Mary, *História das mulheres*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em casa:** falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan. **Gender:** a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. – utilizamos a tradução para a língua portuguesa de Cristine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro e Vainfas, Ronald. **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1977.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Proj. História. São Paulo, (14), fev. 1997, p. 05.

_____. **História Oral e Poder.** Mnemosine. Fortaleza, Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010) – Artigo.

WOOLFOLK, Anita E & MONTEIRO, Maria Cristina. **Psicologia da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.